



ALERTA. Seja por dependência emocional ou financeira, vítimas de violência ainda sofrem caladas

Mulheres resistem a fazer denúncia

Para especialista, é preciso desconstruir os estereótipos criados pela sociedade e ressignificar as construções sociais sobre gênero

BÁRBARA PACHECO
REPÓRTER

De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), sete em cada dez mulheres no mundo já foram ou serão violentadas algum dia na vida. Em uma pesquisa realizada pelo DataSenado, em 2013, o Brasil foi apontado como o sétimo País, em um ranking de 84, onde mais se mata mulheres. A mesma pesquisa constatou que 19% da população feminina brasileira com 16 anos ou mais já sofreu algum tipo de agressão e que, dessas, 31% ain-

da convivem com o agressor. Pior: 14% delas ainda sofrem algum tipo de violência, seja física ou psicológica.

O que faz uma mulher vítima de violência doméstica continuar ao lado de seu agressor? Isso parece ser o que todo mundo questiona ao tomar conhecimento sobre casos de violência. Embora a pergunta seja pertinente, o grau de complexidade acerca de uma solução para a opressão sofrida pelo sexo feminino não se restringe apenas a uma questão racional, mas também cultural.

Estudo

Em uma pesquisa realizada pelo DataSenado, em 2013, o Brasil foi apontado como o sétimo País, em um ranking de 84, onde mais se mata mulheres

Desde criança, as mulheres são ensinadas a se reconhecer como sexo frágil e que ter um homem como parceiro afetivo é sinônimo de normalidade e segurança, que casar e ter filhos é fonte de realização e felicidade. Enquanto isso, os meninos são ensinados a ser fortes, duros e violentos para a afirmação constante da masculinidade.

“O mito do amor romântico, desenvolvido na sociedade desde o fim da Idade Média, gera uma dependência emocional na mulher, que se culpabiliza devido à pressão social sofrida pelo sexo feminino durante toda a sua formação como indivíduo, onde a mulher precisa casar, ter filhos e ser dona de casa para ser feliz”, explicou a professora do Núcleo Temático Mulher e Cidadania (NTMC) da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Elvira Simões Barreto.

Além da dependência emocional, segundo Elvira, a dependência financeira também é um dos principais determinantes para a mulher se manter na relação afetiva com o agressor. Por isso, ao contrário do que se pensa, ge-

ralmente as mulheres que vivem em situação de vulnerabilidade social são as que mais procuram a proteção do Estado em caso de violência doméstica.

“Essas mulheres são as que mais denunciam seus agressores, mesmo muitas vezes não tendo acesso a uma educação de qualidade. As mulheres das classes média e média alta, por estarem em condições financeiras melhores junto aos seus parceiros, geralmente apresentam maior grau de dependência”, destacou a professora.

EDUCAÇÃO

Mesmo com alguns avanços conquistados na esfera legal, mulheres e homens precisam, de acordo com Elvira, desconstruir os estereótipos criados pela sociedade e res-

significar as construções sociais sobre gênero para a reversão da cultura da violência. “Assim como precisamos empoderar mulheres a se reconhecerem livres da atual construção social da condição feminina, precisamos defender também o direito do homem de não ser violento”.

O caminho para a minimização das estatísticas que envolvem a violência doméstica está, para a professora, na construção de novos referenciais, que permitam igualdade de condições entre homens e mulheres. “É um trabalho que precisa ser feito na raiz da educação, na escola, com a família, na mídia. Construir um novo contexto social em que a violência contra a mulher não seja legitimada”, enfatizou Elvira.